

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO XII

JULHO DE 1869

Nº 7

O Egoísmo e o Orgulho

SUAS CAUSAS, SEUS EFEITOS E OS MEIOS DE DESTRUÍ-LOS

(*OBRA S PÓSTUMAS*)

É bem sabido que a maior parte das misérias da vida tem origem no egoísmo dos homens. Desde que cada um pensa em si antes de pensar nos outros e cogita antes de tudo de satisfazer aos seus desejos, cada um naturalmente cuida de proporcionar a si mesmo essa satisfação, a todo custo, e sacrifica sem escrúpulo os interesses alheios, assim nas mais insignificantes coisas, como nas maiores, tanto de ordem moral, quanto de ordem material. Daí todos os antagonismos sociais, todas as lutas, todos os conflitos e todas as misérias, visto que cada um só trata de despojar o seu próximo.

O egoísmo se origina do orgulho. A exaltação da personalidade leva o homem a considerar-se acima dos outros. Julgando-se com direitos superiores, melindra-se com o que quer que, a seu ver, constitua ofensa a seus direitos. A importância que, por orgulho, atribui à sua pessoa, naturalmente o torna egoísta.

O egoísmo e o orgulho nascem de um sentimento natural: o instinto de conservação. Todos os instintos têm sua razão de ser e sua utilidade, porquanto Deus nada pode ter feito de inútil. Ele não criou o mal; o homem é quem o produz, abusando dos dons de Deus, em virtude do seu livre-arbítrio. Contido em justos limites, aquele sentimento é bom em si mesmo. A exageração é o que o torna mau e pernicioso. O mesmo acontece com todas as paixões que o homem freqüentemente desvia do seu objetivo providencial. Ele não foi criado egoísta, nem orgulhoso por Deus, que o criou simples e ignorante; o homem é que se fez egoísta e orgulhoso, exagerando o instinto que Deus lhe outorgou para sua conservação.

Não podem os homens ser felizes, se não viverem em paz, isto é, se não os animar um sentimento de benevolência, de indulgência e de condescendência recíprocas; numa palavra: enquanto procurarem esmagar-se uns aos outros. A caridade e a fraternidade resumem todas as condições e todos os deveres sociais; uma e outra, porém, pressupõem a abnegação. Ora, a abnegação é incompatível com o egoísmo e o orgulho; logo, com esses vícios não é possível a verdadeira fraternidade, nem, por conseguinte, igualdade, nem liberdade, dado que o egoísta e o orgulhoso querem tudo para si.

Eles serão sempre os vermes roedores de todas as instituições progressistas; enquanto dominarem, ruirão aos seus golpes os mais generosos sistemas sociais, os mais sabiamente combinados. É belo, sem dúvida, proclamar-se o reinado da fraternidade, mas, para que fazê-lo, se uma causa destrutiva existe? É edificar em terreno movediço; o mesmo fora decretar a saúde numa região malsã. Em tal região, para que os homens passem bem, não bastará se mandem médicos, pois que estes morrerão como os outros; insta destruir as causas da insalubridade. Para que os homens vivam na Terra como irmãos, não basta se lhes dêem lições de moral; importa destruir as causas de antagonismo, atacar a raiz do mal: o orgulho e o egoísmo.

Essa a chaga sobre a qual deve concentrar-se toda a atenção dos que desejem seriamente o bem da Humanidade. Enquanto subsistir semelhante obstáculo, eles verão paralisados todos os seus esforços, não só por uma resistência de inércia, como também por uma força ativa que trabalhará incessantemente no sentido de destruir a obra que empreendam, por isso que toda idéia grande, generosa e emancipadora arruína as pretensões pessoais.

Impossível, dir-se-á, destruir o orgulho e o egoísmo, porque são vícios inerentes à espécie humana. Se fosse assim, houvéramos de desesperar de todo o progresso moral; entretanto, desde que se considere o homem nas diferentes épocas transcorridas, não há negar que evidente progresso se efetuou. Ora, se ele progrediu, ainda naturalmente progredirá. Por outro lado, não se encontrará homem nenhum sem orgulho, nem egoísmo? Não se vêem, ao contrário, criaturas de índole generosa, em quem parecem inatos os sentimentos do amor ao próximo, da humildade, do devotamento e da abnegação? O número delas, positivamente, é menor do que o dos egoístas; se assim não fosse, não seriam estes últimos os fautores da lei. Há muito mais criaturas dessas do que se pensa e, se parecem tão pouco numerosas, é porque o orgulho se põe em evidência, ao passo que a virtude modesta se conserva na obscuridade.

Se, portanto, o orgulho e o egoísmo se contassem entre as condições necessárias da Humanidade, como a da alimentação para sustento da vida, não haveria exceções. O ponto essencial, pois, é conseguir que a exceção passe a constituir regra; para isso, trata-se, antes de tudo, de destruir as causas que produzem e entretêm o mal.

Dessas causas, a principal reside evidentemente na idéia falsa que o homem faz da sua natureza, do seu passado e do seu futuro. Por não saber donde vem, ele se crê mais do que é; e não sabendo para onde vai, concentra na vida terrena todo o seu

pensar; acha-a tão agradável, quanto possível; anseia por todas as satisfações, por todos os gozos; essa a razão por que atropela sem escrúpulo o seu semelhante, se este lhe opõe alguma dificuldade. Mas, para isso, é preciso que ele predomine; a igualdade daria, a outros, direitos que ele só quer para si; a fraternidade lhe imporá sacrifícios em detrimento do seu bem-estar; a liberdade também ele só a quer para si e somente a concede aos outros quando não lhe fira de modo algum as prerrogativas. Alimentando todos as mesmas pretensões, têm resultado os perpétuos conflitos que os levam a pagar bem caro os raros gozos que logram obter.

Identifique-se o homem com a vida futura e completamente mudará a sua maneira de ver, como a do indivíduo que apenas por poucas horas haja de permanecer numa habitação má e que sabe que, ao sair, terá outra, magnífica, para o resto de seus dias.

A importância da vida presente, tão triste, tão curta, tão efêmera, se apaga, para ele, ante o esplendor do futuro infinito que se lhe desdobra às vistas. A consequência natural e lógica dessa certeza é sacrificar o homem um presente fugidío a um porvir duradouro, ao passo que antes ele tudo sacrificava ao presente. Tomando por objetivo a vida futura, pouco lhe importa estar um pouco mais ou um pouco menos nesta outra; os interesses mundanos passam a ser o acessório, em vez de ser o principal; ele trabalha no presente com o fito de assegurar a sua posição no futuro, tanto mais quando sabe em que condições poderá ser feliz.

Pelo que toca aos interesses terrenos, podem os humanos criar-lhe obstáculos: ele tem que os afastar e se torna egoísta pela força mesma das coisas. Se lançar os olhos para o alto, para uma felicidade a que ninguém pode obstar, interesse nenhum se lhe deparará em oprimir a quem quer que seja e o egoísmo se lhe torna carente de objeto. Todavia, restará o estimulante do orgulho.

A causa do orgulho está na crença, em que o homem se firma, da sua superioridade individual. Ainda aí se faz sentir a influência da concentração dos pensamentos sobre a vida corpórea. Naquele que nada vê adiante de si, atrás de si, nem acima de si, o sentimento de personalidade sobrepuja e o orgulho fica sem contrapeso.

A incredulidade não só carece de meios para combater o orgulho, como o estimula e lhe dá razão, negando a existência de um poder superior à Humanidade. O incrédulo apenas crê em si mesmo; é, pois, natural que tenha orgulho. Enquanto que, nos golpes que o atingem, unicamente vê uma obra do acaso e se ergue para combatê-la, aquele que tem fé percebe a mão de Deus e se submete. Crer em Deus e na vida futura é, conseguintemente, a primeira condição para moderar o orgulho; porém, não basta. Juntamente com o futuro, é necessário ver o passado, para fazer idéia exata do presente.

Para que o orgulhoso deixe de crer na sua superioridade, cumpre se lhe prove que ele não é mais do que os outros e que estes são tanto quanto ele; que a igualdade é um fato e não apenas uma bela teoria filosófica; que estas verdades ressaltam da preexistência da alma e da reencarnação.

Sem a preexistência da alma, o homem é induzido a acreditar que Deus, dado creia em Deus, lhe conferiu vantagens excepcionais; quando não crê em Deus, rende graças ao acaso e ao seu próprio mérito. Iniciando-o na vida anterior da alma, a preexistência lhe ensina a distinguir, da vida corporal, transitória, a vida espiritual, infinita; ele fica sabendo que as almas saem todas iguais das mãos do Criador; que todas têm o mesmo ponto de partida e a mesma finalidade, que todas hão de alcançar, em mais ou menos tempo, conforme os esforços que empreguem; que ele próprio não chegou a ser o que é, senão depois de haver, por longo tempo e penosamente, vegetado, como os outros, nos degraus

inferiores da evolução; que, entre os mais atrasados e os mais adiantados, não há senão uma questão de tempo; que as vantagens do nascimento são puramente corpóreas e independem do Espírito; que o simples proletário pode, noutra existência, nascer num trono e o maior potentado renascer proletário.

Se levar em conta unicamente a vida planetária, ele vê apenas as desigualdades sociais do momento, que são as que o impressionam; se, porém, deitar os olhos sobre o conjunto da vida do Espírito, sobre o passado e o futuro, desde o ponto de partida até o de chegada, aquelas desigualdades se somem e ele reconhece que Deus nenhuma vantagem concedeu a qualquer de seus filhos em prejuízo dos outros; que deu parte igual a todos e não aplanou o caminho mais para uns do que para outros; que o que se apresenta menos adiantado do que ele na Terra pode tomar-lhe a dianteira, se trabalhar mais do que ele por aperfeiçoar-se; reconhecerá, finalmente, que, nenhum chegando ao termo senão por seus esforços, o princípio da *igualdade* é um princípio de justiça e uma lei da Natureza, perante a qual cai o orgulho do privilégio.

Provando que os Espíritos podem renascer em diferentes condições sociais, quer por expiação, quer por provação, a reencarnação ensina que, naquele a quem tratamos com desdém, pode estar um que foi nosso superior ou nosso igual noutra existência, um amigo ou um parente. Se o soubesse, o que com ele se defronta o trataria com atenções, mas, nesse caso, nenhum mérito teria; por outro lado, se soubesse que o seu amigo atual foi seu inimigo, seu servo ou seu *escravo*, sem dúvida o repeliria. Ora, não quis Deus que fosse assim, pelo que lançou um véu sobre o passado. Deste modo, o homem é levado a ver em todos, irmãos seus e seus iguais, donde uma base natural para a *fraternidade*; sabendo que pode ser tratado como haja tratado os outros, a *caridade* se lhe torna um dever e uma necessidade fundados na própria Natureza.

Jesus assentou o princípio da caridade, da igualdade e da fraternidade, fazendo dele uma condição expressa para a salvação; mas, estava reservado à terceira manifestação da vontade de Deus, ao Espiritismo, pelo conhecimento que faculta da vida espiritual, pelos novos horizontes que desvenda e pelas leis que revela, sancionar esse princípio, provando que ele não encerra uma simples doutrina moral, mas uma lei da Natureza que o homem tem o máximo interesse em praticar. Ora, ele a praticará desde que, deixando de encarar o presente como o começo e o fim, compreenda a solidariedade que existe entre o presente, o passado e o futuro. No campo imenso do infinito, que o Espiritismo lhe faz entrever, anula-se a sua importância capital e ele percebe que, por si só, nada vale e nada é; que todos têm necessidade uns dos outros e que uns não são mais do que os outros: duplo golpe, no seu egoísmo e no seu orgulho.

Mas, para isso, é-lhe necessária a fé, sem a qual permanecerá na rotina do presente, não a fé cega, que foge à luz, restringe as idéias e, em consequência, alimenta o egoísmo. É-lhe necessária a fé inteligente, racional, que procura a claridade e não as trevas, que ousadamente rasga o véu dos mistérios e alarga o horizonte. Essa fé, elemento básico de todo progresso, é que o Espiritismo lhe proporciona, fé robusta, porque assente na experiência e nos fatos, porque lhe fornece provas palpáveis da imortalidade da sua alma, lhe mostra de onde ele vem, para onde vai e por que está na Terra e, finalmente, lhe firma as idéias, ainda incertas, sobre o seu passado e sobre o seu futuro.

Uma vez que haja entrado decisivamente por esse caminho, já não tendo o que os incite, o egoísmo e o orgulho se extinguirão pouco a pouco, por falta de objetivo e de alimento, e todas as relações sociais se modificarão sob o influxo da caridade e da fraternidade bem compreendidas.

Poderá isso dar-se por efeito de brusca mudança? Não, fora impossível: nada se opera bruscamente em a Natureza; jamais a saúde volta de súbito a um enfermo; entre a enfermidade e a saúde, há sempre a convalescença. Não pode o homem mudar instantaneamente o seu ponto de vista e volver da Terra para o céu o olhar; o infinito o confunde e deslumbra; ele precisa de tempo para assimilar as novas idéias.

O Espiritismo é, sem contradita, o mais poderoso elemento de moralização, porque mina pela base o egoísmo e o orgulho, facultando um ponto de apoio à moral. Há feito milagres de conversão; é certo que ainda são apenas curas individuais e não raro parciais. O que, porém, ele há produzido com relação a indivíduos constitui penhor do que produzirá um dia sobre as massas. Não lhe é possível arrancar de um só golpe as ervas daninhas. Ele dá a fé e a fé é a boa semente, mas mister se faz que ela tenha tempo de germinar e de frutificar, razão por que nem todos os espíritas já são perfeitos.

Ele tomou o homem em meio da vida, no fogo das paixões, em plena força dos preconceitos e se, em tais circunstâncias, operou prodígios, que não será quando o tomar ao nascer, ainda virgem de todas as impressões malsãs; quando a criatura sugar com o leite a caridade e tiver a fraternidade a embalá-lo; quando, enfim, toda uma geração for educada e alimentada com idéias que a razão, desenvolvendo-se, fortalecerá, em vez de falsear? Sob o domínio destas idéias, que se tornarão a fé comum de todos, não mais esbarrando o progresso no egoísmo e no orgulho, as instituições se reformatarão por si mesmas e a Humanidade avançará rapidamente para os destinos que lhe estão prometidos na Terra, aguardando os do céu.

Allan Kardec

Extrato dos Manuscritos de um Jovem Médium Bretão

ALUCINADOS, INSPIRADOS, FLUÍDICOS E SONÂMBULOS

(Terceiro artigo – Vide a *Revista* de junho de 1869)

IV

OS SONÂMBULOS

(Continuação e fim)

Existe, pois, no sonambulismo, três graus bem distintos.

Primeiro se apresenta o sonâmbulo natural, que pode permanecer sem qualquer ação sobre os outros, embora a isso predisposto pela natureza dos seus fluidos.

Vem em seguida o sonâmbulo inspirado, que nada tem de si mesmo, mas que, de certo modo, é o recipiente por onde passam os pensamentos dos outros. O magnetismo – entendi bem – não lhe dá a inspiração. Mas se, depois de ter sentido o seu efeito, ele cai num estado de prostração que não lhe permite emití-lo, o magnetismo pode, entretanto, ao restabelecer a circulação fluídica, restaurar-lhe o equilíbrio e devolvê-lo à posse de si mesmo.

Finalmente, temos o sonambulismo fluídico, do qual o poder curativo se desprende espontaneamente, e que pode, como dissemos, ser levado à inspiração pelo emprego do magnetismo. Então, temos o ser chegado ao completo desenvolvimento de suas faculdades.

A utilidade do magnetismo é, pois, imensa. Para começar, é um poderoso agente curativo, principalmente para as afecções nervosas, que só ele pode curar. Depois, nos casos em que

o homem procura destrinçar, através do caos de seus pensamentos, uma forma, uma revelação, que ele não sabe ou é incapaz de descobrir, ele lhe dá um poder de concentração que só os homens de gênios possuem e que lhes permite criar grandes obras, fazer grandes descobertas.

Malbaratamos a nossa inteligência pelos mais diversos assuntos, razão por que tão raramente podemos produzir alguma coisa de durável. O magnetismo nos dá artificialmente e por alguns momentos esta faculdade que nos falta; mas não se deve abusá-la, porque, então, em vez desse poder de concentração que lhe devemos, ele produziria a desordem no jogo dos fluidos e poderia exercer uma ação funesta sobre o organismo.

Se existe realmente atração entre o sonâmbulo e aquele que o consulta, então é quase certo que as prescrições do primeiro serão boas e salutares. Nos casos contrários, só devemos aceitá-las sob muita reserva.

Muitas vezes o sonâmbulo e o consulente sentem-se bem no seu contato recíproco, porque um se beneficia com o excesso de fluidos do outro e os dois são devolvidos à situação normal. Por isso, os fluídicos se ligam de bom grado àqueles que lhes são simpáticos. A ação moral se confunde com a ação física e agem em comum. Em outras vezes, enfim, o magnetizador pode adquirir a doença que pretendia curar.

É necessário então expulsar, por um desprendimento magnético, o fluido que não está em harmonia com o nosso.

Nem sempre o magnetizador consegue curar, porque, ao apoderar-se de um fluido que não lhe pertence e que o faz sofrer, pode transmitir ao paciente uma porção do seu, que está em desacordo com o outro. Mas esses fenômenos raramente se produzem e o magnetismo, sabiamente administrado, quase sempre levará a excelentes resultados.

O fluido é a pilha elétrica que desprende as centelhas destinadas à reconstituição de um estado sadio e regular.

Acontece muitas vezes que os indivíduos predispostos a receber a inspiração pelos fluidos que se desprendem deles mesmos, são sonâmbulos em alguns momentos, quando a ação magnética os domina, e inspirados em outros.

Se impomos a nossa vontade a um sonâmbulo, para obter a cura de pessoas que ele só conhece através de objetos que lhes pertenceram, é necessário, para que haja resultado, que os fluidos se conjuguem e atuem uns sobre os outros.

A mais rica harmonia provém de contrastes e de dissonâncias. Dois fluidos semelhantes se neutralizam: para agirem um sobre o outro deve haver apenas um ponto de contato, e que sejam de naturezas opostas.

Quando alguém é inspirado, é quase sempre por muitas pessoas ao mesmo tempo e sobre assuntos diferentes. Cada um traz o seu contingente à elaboração comum. Se algumas revelações são imediatas e completas, outras se produzem mais lentamente e de maneira contínua, isto é, cada dia, cada hora traz o seu átomo de verdade que lentamente se infunde, antes de amadurecer e poder manifestar-se.

O progresso do globo se realiza pela sucessão das gerações, que herdaram conhecimentos que o passado lhes deixa e lhes traz, e que, por seu labor no presente, preparam o advento do futuro.

Quando os Espíritos querem agir, pode acontecer que estejam sujeitos a alguma preocupação, que absorve e torna menos dócil a recepção dos pensamentos que eles transmitem. Muitas vezes, então, a inspiração procede do objeto desejado, antes que

outros Espíritos se apodemem do sujeito para lhe ditarem coisas desconhecidas e pouco edificantes.

É assim que, por uma comovente precaução pelo futuro, os remédios são indicados a pessoas amadas quando elas ainda não precisam deles.

De outras vezes, quando o perigo aperta, surge uma palavra, não para impressionar o vosso ouvido, mas para vos penetrar e de algum modo vos invadir. Essa palavra é o nome do remédio, é o desprendimento necessário do vosso espírito que, empolgado pela preocupação ardente de fazer o bem, não se deixaria invadir facilmente por outra ordem de idéias. São os amigos que acorrem em vosso auxílio, trazendo o alívio para vós ou para aqueles por quem vos interessais.

Encontramos no estado espírita ou sonambúlico tantas fases diferentes quantas no estado ordinário. Como vos dissemos, tudo segue uma lei única, imutável, e Deus não permite que o sobrenatural e o miraculoso jamais venham perturbá-la. Quem pode discernir todos os matizes, todos os pensamentos que, num dia, atravessam o cérebro do homem? Os Espíritos vivem como nós; suas tendências, suas aspirações são as nossas; mas, embora estejam bem longe da perfeição, estão mais adiantados e marcham mais rapidamente, livres que estão de todas as mesquinhas da nossa triste existência.

Há, pois, médiuns que são mais freqüentemente e mais completamente inspirados do que outros. Esperemos, recebamos com reconhecimento as revelações que lhes é permitido dar-nos, mas não violentemos essas indiscrições de além-túmulo. Se os que nos inspiram precisam vir, virão; de outro modo, silenciarão.

Jamais abdiquemos da força de nossa razão. Há charlatães que enganam; há entusiastas que se enganam.

O charlatanismo floresce nas épocas e nos países despóticos, quando dizer uma verdade nova é uma temeridade e equivale a um crime. A terra livre da América era mais favorável que outra qualquer aos experimentadores, sempre impulsionados na busca do desconhecido. Por isso os americanos foram os primeiros a compreender as relações deste com o outro mundo e constatar a existência desta cadeia mais fluídica do que misteriosa, que liga os que partem aos que ficam.

O Espiritismo é a lei que rege as relações das almas entre si.

Nos dias malditos da Idade Média, e mesmo em tempos mais próximos de nós, quando a Igreja distribuía parcimoniosamente aos homens a luz de que se atribuía o monopólio, punindo com morte horrível aquele que considerava em erro, era necessário ocultar-se para estudar os segredos da Natureza. Era o tempo dos feiticeiros, dos alquimistas, pobres alucinados muito pouco perigosos, ou homens hábeis que exploravam a credulidade popular; mas, às vezes também eram seres inspirados, fluídicos ou sonâmbulos, grandes luminares da Humanidade, vulgarizadores dos conhecimentos revelados pelos Espíritos evoluídos, aliviando seus irmãos o melhor que podiam, trazendo o seu grão de areia ao lento e laborioso edifício do progresso, e pagando às vezes com a vida a obra providencial que realizavam.

As pitonisas eram sonâmbulas; as cartomantes freqüentemente são extáticas mais ou menos lúcidas que, para chocar as imaginações vulgares, se servem de meios grosseiros que lhes facilitam a tarefa. Mas os homens gostam de ser enganados, mesmo quando buscam a verdade.

Mesmer recorria a uma tina, outros fazem ver o futuro numa garrafa d'água, outros ainda num espelho mágico. A Ciência avança, reconhece-se a inutilidade das encenações, a vacuidade dos

processos materiais. Descobriu-se a existência do fluido, a ação que o homem pode exercer sobre o seu semelhante. Chegou-se à adoção de processo mais simples. Os passes magnéticos são suficientes. Um magnetizador poderoso pode mesmo agir somente pela força da sua vontade, de braços cruzados, para a liberação de seu fluido, que irá alcançar esta ou aquela pessoa em *relação* fluidica com ele.

Porque o magnetismo não age sobre todos indistintamente, nem da mesma maneira sobre todos. Numa reunião numerosa, acontecerá que, ao tentar fazer uma pessoa adormecer, será outra, no ângulo oposto do apartamento, que se apoderará do fluido.

Outros são inspirados ou caem em sonambulismo lúcido, espontaneamente, ou quando querem, ou mesmo quando queriam resistir à influência que os subjagam.

No seu horror instintivo ao materialismo e ao nada, o homem tem sede do maravilhoso, do sobrenatural, de aparições e de evocações. Daí o sucesso da magia no mundo.

Da Índia, seu berço, a magia passou antigamente ao Egito, onde a vemos sustentar lutas contra Moisés, que a inspiração animava de um sopro tão poderoso, mas ainda com algumas intermitências. Israel não atravessou inutilmente a terra dos faraós. Era nesse foco vivificante do Egito que o gênio dos sábios da Grécia ia freqüentemente se reanimar.

As Cruzadas foram buscar entre os árabes o segredo das ciências ocultas, cujo uso propagaram na Itália, na França, na Espanha. Os mouros e os judeus foram os primeiros médicos; consultavam-nos em segredo e queimavam-nos em público. E os doutores de hoje pensam defender a Ciência, zombando nos seus cenáculos e perseguindo nos tribunais esses últimos filhos perdidos dos seus ancestrais comuns.

Mas, muito dentre eles não são, de certo modo, um tanto charlatães? Não há por que repudiar o magnetismo de maneira tão absoluta. Outros o praticam clandestinamente, mas não ousam confessá-lo, temerosos de afugentar a clientela amedrontada. Em todo o caso, bem poucos dos que o negam chegaram a estudá-lo de boa-fé, sem outro móvel que o desejo de esclarecer-se.

Serão os últimos a admiti-lo. Ser-lhes-á difícil ajudarem com as próprias mãos a derrubada dos fundamentos científicos que tanto lhes custaram edificar.

Que terrível revolução quando, ao lado dos que, incontestavelmente, possuem enorme soma de conhecimentos científicos, e que ignoram apenas um – *o de curar os seus semelhantes* – seres simples, os primeiros a chegar, puderam ler, como num livro aberto, nos corpos humanos, sem terem estudado Anatomia, penetrando-os com os olhos como se fossem de vidro e, em vez desses remédios gerais que agem sempre de maneiras diversas e imprevisas, indicarem o agente preciso que se deve empregar, segunda a natureza de cada um? Quantas posições comprometidas, no dia em que o Espiritismo e o magnetismo combinados tiverem substituído, para a maior felicidade de todos, a Medicina tão falível e tão ruinosa das faculdades, por essa medicina familiar, que estará à disposição de quase todos os que a desejarem praticar.

A Quiromancia é uma ciência de observação, em socorro da qual vêm a Frenologia e a Fisiognomonía, auxiliadas pela intuição, disposição fluídica particular e especial. Todo mundo pode observar as proeminências que existem na cabeça, a infinita variedade dos traços, as múltiplas linhas traçadas nas mãos, mas nem todos podem deduzir, com exatidão ou mais ou menos, os seus significados e os seus efeitos no organismo. Mas o fluido que se desprende do consulente, atingindo o que o examina, permite a este último descobrir de maneira mais ou menos acertada os fatos

do passado do outro e até mesmo predizer o que, segundo as probabilidades, deve lhe acontecer no futuro. A simples pressão das mãos ou o toque da cabeça põe o fluídico em vibração, em consequência da tensão e da concentração do espírito a que se habituou.

Assim se explicam os casos de revelação, de predição, que, ao se verificarem, causam admiração, encanto e pavor ao mesmo tempo.

Mas, não há nada de maravilhoso, nem de sobrenatural em tudo isto. As nervuras de nossas mãos podem comparar-se às das folhas das plantas. O conjunto, o aspecto, a forma geral, tudo se assemelha e, contudo, nada se parece. Estudai as folhas: talvez descubrais, em sua configuração, se a árvore a que pertencem está mais ou menos conformada para viver muito tempo.

Nossas mãos são como as folhas ligadas à extremidade dos ramos. São elas as nossas extremidades; movem-se, agem, põem-nos em relação com os outros, e é por elas que podemos conhecer o estado geral da saúde. Da mesma maneira que através dos pequenos ramos chega uma seiva mais delicada, assim também pelas mãos do homem, que são uma maravilha entre todas as maravilhas do corpo.

É a ponta do ramo que, flexível e como animada e dirigida por uma inteligência particular, se enrola em torno dos galhos que sustentam sua fragilidade. Assim, as trepadeiras, as clematites, as glicínias e a vinha... É pois na extremidade, tanto dos vegetais quanto do homem, que é dado tocar, que se apresenta a parte mais delicada, mais perfeita.

O tronco tem a força; a seiva e o sangue dão o impulso; as hastes e as mãos são os instrumentos dóceis.

Se a árvore tem folhas delgadas, salpicadas de branco ou de amarelo, caindo aos primeiros ventos do outono, é que está clorótica e podemos prognosticar com segurança que não viverá muito tempo. O homem cujas mãos são pequenas, frias, brancas, exangues, não figurará entre os atletas, nem entre os centenários.

Como uma terra pobre e privada de sucos nutritivos poderia prodigalizar uma seiva abundante, capaz de lançar-se até a extremidade dos ramos para fazê-la crescer e alongar-se incessantemente?

A planta, como o animal, como o homem, toma proporcionalmente às suas energias vitais a sua parte fluídica, que circula por toda parte. Somente a planta e o animal, não tendo de despender de sua força e de sua vontade senão numa ordem de fatos mais restritos, são dotados de um fluido menos poderoso. Fazem sua parte de progresso, mas eles não o fazem sem que a isso sejam provocados.

Ao contrário, o homem tem responsabilidade de direção. Deus o aceita como colaborador na obra sublime da Criação. Deus cria os tipos e reserva ao seu auxiliar o cuidado de descobrir as variedades infinitas, de multiplicá-las, de aperfeiçoá-las sem limites. Ele necessita, pois, de um fluido mais abundante, mais rico, para satisfazer à sua tarefa mais nobre e cumprir a missão providencial que lhe foi reservada.

Essas diferenças entre as linhas das mãos, as nervuras das folhas, são também encontradas nas patas dos animais, e por toda parte, enfim. Apenas no homem e nas criaturas mais avançadas, esses matizes são mais numerosos e mais acentuados. Mas, descendo mesmo até os mais ínfimos, uma observação atenta permitirá descobrir, nos diferentes ramos que terminam cada uma delas, sintomas, prognósticos de caráter e de saúde, que a ativa direção do homem pode modificar para melhor ou pior. É seu direito, é seu dever trabalhar para melhorar todas as coisas

inferiores. A Natureza põe à sua disposição os meios curativos, e ele será insensato e mesmo culpável se não os empregar para prolongar e enobrecer a sua e a vida das demais criaturas, ou pelo menos para dar-lhe o equilíbrio necessário, durante o curso que ela deve seguir.

Há ação e reação dos homens uns sobre os outros, bem como sobre os animais, os vegetais, os minerais e tudo quanto nos rodeia. Por isso, o homem, o animal e a planta não vivem indiferentes junto aos demais seres.

Uma criação jamais ocorre senão quando todas as condições indispensáveis venham favorecê-la. Mas, descuidando desses detalhes essenciais, pretendemos aclimatar os animais sem os vegetais convenientes, sem preparar para estes o terreno que exigem, sem estudar as suas atrações e as suas repulsões, e sem observar se lhes damos vizinhos com os quais estarão em perpétua luta.

Nossos camponeses colocam às vezes um bode em meio aos bois e bezerras. Dizem que é para purificar o ar. Para nós, isto só o empestaria. Mas, uma vez que os animais do estábulo deixam o bode andar livremente ao seu redor, é que um secreto instinto os adverte, talvez, de que o seu cheiro acre é composto de gases que seriam prejudiciais a eles e cujas propriedades o bode modifica.

O meio em que vive e se desenvolve cada criatura influi enormemente sobre o seu caráter, sobre a sua saúde e sobre a parcela de inteligência que lhe é transferida para cumprir o seu destino.

A inteligência do vegetal, como a do animal, manifesta-se sobretudo na obra da reprodução. Muitas vezes o homem a violenta. Estudemos as condições nas quais cada ser deve cumprir o seu destino mais ou menos importante, e as criações

esboçadas que os grandes cataclismos do passado pouparam darão lugar a criações superiores, e muitos dos males que elas engendram desaparecerão com elas.

Tudo se ressent, portanto, pelo toque, por vezes mesmo pela simples aproximação das comoções elétricas e fluídicas, que exercem uma influência salutar ou funesta sobre a atitude geral do indivíduo.

O magnetismo não foi inventado por ninguém; existe desde toda a eternidade! Não se conhecia o seu emprego, como no caso do vapor e da eletricidade, a princípio negados, e que no entanto revolucionaram o mundo após alguns anos de existência. Dar-se-á o mesmo com esse fluido que, mais sutil do que todos os outros, vai atingir livremente, e em aparência um pouco ao acaso, os sexos contrários, as idades extremas, as castas até hoje hostis, para os confundir todos no seio de uma imensa solidariedade.

Com efeito, o fluido é atração, lei única do Universo. É a fonte dos movimentos moral, material e intelectual, a fonte do progresso. Manda a caridade que nos aliviemos mutuamente, já que dispomos do poder e da vontade. Esse fluido comum, que nos liga a todos, a fim de estabelecer entre nós a fraternidade universal, não só nos faculta curar-nos uns aos outros, mas, também, associando-nos aos nossos amigos desaparecidos que, mau grado nosso nos legaram a herança de seus trabalhos, dá-nos os meios de inventar grandes coisas, que concorrerão poderosamente para o progresso de todos e para o bem-estar universal.

Já não nos escondemos por trás das muralhas do nosso egoísmo pessoal para nos sentirmos felizes no nosso isolamento. Queremos que todos estejam satisfeitos ao nosso redor e o sofrimento dos outros provocam nuvens sombrias no azul de nosso belo firmamento.

O entusiasmo foge à solidão para só fazer brilhar a sua potência irresistível entre as multidões eletrizadas. É que o fluido que se desprende de cada um de nós, adicionado, confundido, multiplicado, atritando-se e se chocando em caso de necessidade, por suas próprias discrepâncias faz surgir a harmonia.

O trabalho, o prazer mesmo, tudo aborrece quando estamos sós. Mas, basta chegar um amigo e outros em seguida, e eis que o entusiasmo, que arrasta, pouco a pouco se desenvolve. Que surjam então os grupos rivais, e o júbilo produzirá maravilhas.

A comunicação fluídica, essa quintessência de nosso ser, produz harmonia ao se desprender de nós para envolver aquele que sente a sua falta. Os fortes arrastam os fracos, elevam-nos por um momento até eles e a igualdade reina; ela governa os homens fascinados pelo seu domínio.

A bem dizer, todo o mundo é fluídico, pois que cada um sente impressões, experimenta atrações. Apenas as manifestações são mais ou menos intensas e sua influência se mostra com mais ou menos força. Alguns usam os fluidos para si mesmos, para a sua própria consumação, poderíamos dizer, e somente atuam debilmente sobre os seus semelhantes. Outros, pelo contrário, irradiam a distância e exercem ao seu redor uma pressão enérgica, para o bem ou para o mal.

Há ainda os que, não tendo nenhum poder sobre os outros homens, possuem uma poderosa faculdade de domínio sobre os animais e sobre os vegetais, que se modificam e se aperfeiçoam mais facilmente sob a sua ação inteligente.

Sendo o magnetismo o fluido circulante que cada criatura assimila à sua maneira e em graus diferentes, pode-se ver nele esse imenso encadeamento e essa imensa atração que une e desune, atrai e repele todos os seres criados, fazendo de cada um deles uma pequena unidade que vai, obedecendo à mesma lei, confundir-se na majestosa unidade do Universo.

O magnetismo que, aliás, não passa do processo de que nos servimos para a concentração e a liberação do fluido, é essa associação magnífica de todas as forças criadas. O fluido é o circulante que põe os seres em vibração uns com os outros.

Em certos casos de delírio momentâneo, o toque de uma pessoa simpática, seu beijo, sua palavra bastam para acalmar o doente. Já se viu o doente ser aliviado apenas se entrando em seu quarto, como é possível ver-se a excitação produzir-se quando outra pessoa se aproxima.

É o resultado das atrações ou das repulsões, explicadas pelo jogo dos fluidos entre si.

Diz-se freqüentemente de pessoas que se casam, mas que não se amam: – *Eles se amarão mais tarde!*

Ao contrário, isto é bem pouco provável, porque a atração é livre e não se deixa violentar. Sem dúvida há naturezas pouco fluídicas, para as quais a estima pode suprir o amor; mas as grandes e generosas naturezas não poderiam contentar-se com esses sentimentos tíbios. A indiferença toma então o lugar do amor que falta, e é raro que, apesar de todos os mais belos raciocínios que façam, um ou outro desses esposos em desarmonia não se deixe encantar por outra pessoa. Talvez tenha a força de resistir a esse arrastamento, mas será incuravelmente infeliz.

Fechemos pois os ouvidos a esses falsos ensinamentos, e que as famílias não façam jamais do casamento um negócio, uma questão de tráfico ilegal. Quis Deus que o amor presidisse à perpetuidade da Criação; respeitemos os seus desígnios e não violentemos os fluidos. O homem e a mulher obedecem ao charme, é a lei natural, e quando se tenta resisti-la, paga-se a desobediência com a infelicidade de toda a existência.

O Espiritismo em Toda Parte

A literatura contemporânea se impregna cada dia mais das idéias espíritas. Com efeito, nossa Doutrina é uma fonte fecunda para os trabalhos de imaginação; aí os escritores podem haurir descrições poéticas, quadros emocionantes e verossímeis, situações interessantes e completamente novas, que não poderiam fazer surgir do campo limitado e prosaico que lhes oferecem as doutrinas materialistas. Por isso os autores, mesmo materialistas, começam a explorar novos horizontes abertos ao pensamento pelo Espiritismo, tamanha é a necessidade que sentem de falar à alma e poetizar o caráter de seus personagens, se quiserem conquistar o interesse de seus leitores.

Muitas vezes a *Revista* já assinalou romances, novelas, obras teatrais, etc., que exploram os nossos ensinos e caracterizam a reação que começa a operar-se nas idéias. Continuaremos, de vez em quando, a registrar os fatos que entram no quadro do Espiritismo.

O CONDE OTÁVIO

(Lenda do século XIX)

Tal é o título de uma novela publicada no jornal *Liberté*, de 26, 27 e 28 de maio, pelo Sr. Victor Pavé, e que comporta a mais completa acepção das doutrinas espíritas e o detalhe de uma história absolutamente fundada sobre a intervenção dos Espíritos.

Dois seres belos e inteligentes, que não habitam os mesmos lugares e jamais se viram, estão desesperados com a vida e só vêem desordem no mundo e nas inteligências. São grandes demais para as mesquinhas que entrevêm e estão prestes a suicidar-se: um moralmente, o outro efetivamente.

Dois Espíritos que os amam, atualmente desencarnados, mas que lhes foram unidos na Terra pelos laços do

sangue, comprometem-se a salvá-los, agindo por inspiração sobre um encarnado, de que se apossam para operar o encontro e a união desses dois seres e, conseqüentemente, a sua salvação.

O autor, que muito certamente estudou com seriedade as obras espíritas, descreve de maneira interessante e verdadeira o modo de existência e de comunicação dos Espíritos e afirma por fatos o desprendimento e a independência do Espírito encarnado durante o sono do corpo. Julgamos por bem assinalar esta novela, interessante sob mais de um ponto de vista e publicada num grande jornal que se dirige a um número considerável de leitores. Possa o enredo desta breve história, emocionante e bem escrita, lhes inspirar salutares reflexões e os levar a apreciar judiciosa e seriamente os princípios da filosofia espírita.

PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS

Lemos no número 19 do *Lien*, jornal das igrejas reformadas, a seguinte passagem, concernente à pluralidade das existências, reproduzindo-a sem comentários:

“No que respeita à eternidade do Cristo, citam-nos este texto: ‘Agora, tu, meu pai, glorifica-me a mim em ti mesmo, com aquela glória que tive em ti, antes que o mundo fosse.’ (João, XVII:5); e este: ‘Antes que Abrão fosse, eu sou.’ (João, VIII:58). Mas, supondo que estas palavras sejam autênticas, não implicam de modo algum a idéia de eternidade absoluta, tal qual a concebe de Deus a nossa consciência, tal qual o próprio Cristo a contempla na Essência divina. Tudo quanto nos é permitido daí deduzir é a preexistência, uma existência anterior àquela que ele desfrutava cá embaixo, em nosso mundo, isto é, em nossa Terra²². Portanto, Jesus

22 Sabe-se que, em razão de suas imperfeitas noções astronômicas, os judeus confundiam a formação do Universo com a do nosso planeta, que, segundo eles, era o seu centro, a sua obra-prima; sendo assim, toda existência que dizem ter precedido esta formação, seria, necessariamente, uma existência divina.

não quer dizer outra coisa senão que ele existia antes do mundo do qual fazemos parte. Aos nossos olhos, uma tal pretensão nada tem que não corresponda perfeitamente à natureza eminente e ao caráter único do Cristo, e os trinta a quarenta anos de sua carreira terrena não teriam sido suficientes para que ele realizasse os imensos progressos que notamos em sua pessoa. A hipótese da preexistência em si nada tem que choque a razão; ao contrário, é a única que pode dar conta de uma imensidade de fenômenos psicológicos e morais, cujas explicações em geral são pouco satisfatórias ou absolutamente contraditórias. Nós a admitimos, portanto, mesmo para os seres pessoais de todas as ordens, mas a título de suposição fortemente provável, projetando mais luz do que qualquer outra sobre a nossa situação presente e sobre o nosso eterno futuro. Que Jesus tenha tido consciência de uma vida anterior mergulhando nas mais longínquas profundezas do passado, nós o compreendemos perfeitamente, e é essa lembrança que o separava do comum dos homens e mesmo das almas de escol; mas, ainda uma vez, esta preexistência não é a eternidade absoluta.”

BIOGRAFIA DE ALLAN KARDEC

Sob esse título o *Sétifien* de 20 e 27 de maio publica um artigo sobre a vida do Sr. Allan Kardec, do qual reproduzimos alguns extratos, felizes por reconhecermos que, se na imprensa há alguns órgãos sistematicamente hostis aos nossos princípios, outros há que sabem apreciar e honrar os homens de bem, seja qual for a bandeira filosófica a que pertençam.

Aliás, não é a primeira vez que o Sr. Armand Greslez sustenta abertamente as nossas doutrinas, e não podemos deixar de aproveitar a ocasião para lhe testemunhar toda a nossa gratidão.

“Se fosse preciso, diz ele, procurar um emblema, uma personificação da falsidade e da mentira, não se agiria mal tomando a Musa da História; porque se o homem, em geral, tem o amor e o

sentimento do verdadeiro, também é arrastado pelos preconceitos, pelas inclinações e pelos interesses que quase sempre o fazem afastar-se da senda da verdade, quer se trate das coisas ou dos homens.

“Até o momento tem faltado um critério de certo valor às biografias dos falecidos: É o que impede os mortos de declinarem das honras imerecidas ou de repelirem as acusações injustas.

“Não nos surpreendamos, pois, que Allan Kardec não tenha podido escapar desta lei comum. Este destino, mais que outro, ele o experimentou ainda em vida, vítima que foi de odiosas calúnias e de extravagantes e impudentes difamações. Entretanto, há demonstrações reais de respeito de seus contemporâneos e da posteridade, que não poderiam ser contestadas sem que se cometesse injustiça.

“Primeiramente, ele publicou livros sobre uma doutrina que uns acolheram com indiferença, outros com ódio e desprezo; mas ele previu todas essas tribulações, pois lhe tinham sido reveladas previamente. Deste ponto de vista, deu provas de coragem e de abnegação.

“Jamais reivindicou o título de inventor ou de chefe de escola, pois seu papel se limitou a coligir e a centralizar documentos, escritos fora da sua influência e, por vezes, alheios às suas idéias pessoais. Restringiu-se a acompanhar esses documentos com os seus comentários e reflexões, pondo, em seguida, todos os seus cuidados em os vulgarizar. Para esta tarefa árdua e ingrata ele consagrou unicamente, plenamente, inteiramente, quinze anos de sua existência.

“Lutou contra os adversários, mas sempre com sucesso, porque tinha o bom-senso, a lógica, o conhecimento da verdade, aliados à sabedoria, à prudência, à habilidade e ao talento.

“A morte de Allan Kardec deu ensejo a um verdadeiro sucesso para o Espiritismo. Dentre os discursos que foram pronunciados junto ao seu túmulo, figura em primeira linha o de Camille Flammarion, que afirmou ativa e publicamente as verdades desta doutrina, explicando-as pelos dados da mais avançada Ciência.

“Para os que o ignoram, devo dizer que Camille Flammarion é um sábio oficial e um escritor de mérito incontestável, perfeitamente colocado na literatura; é uma autoridade que ninguém ousaria recusar. Declarou-se francamente espírita. Agora não é mais permitido tratar os espíritas de tolos ou de impostores, porquanto seria levantar uma acusação contra um homem de grande valor; hoje seria uma presunção ridícula.

“Por isso, os jornais que habitualmente atacavam o Espiritismo de maneira ridícula ou mordaz, se fecharam num prudente silêncio, já que deviam evitar o duplo escolho da retratação ou de uma crítica tornada perigosa pelo poderoso adversário que queriam combater, por mais indireta que fosse.

“Que seria, pois, se todos os que crêem no Espiritismo se dessem a conhecer? Entre os crentes há pessoas de mérito excepcional e que ocupam as mais elevadas posições sociais. Desde que possam fazê-lo, tais pessoas confessarão suas crenças; então os antiespíritas ficarão envergonhados e escaparão por diversos subterfúgios ao embaraço de sua posição.”

Armand Greslex

Variedades

A LIGA DO ENSINO – CONSTITUIÇÃO OFICIAL DO GRUPO PARISIENSE

No dia 19 de junho, sábado, assistimos à primeira assembléia geral realizada pelo Círculo Parisiense da Liga do

Ensino, na sala de conferências do Boulevard des Capucines, sob a presidência do Sr. Jean Macé.

Essa reunião tinha por objetivo especial dar uma constituição oficial ao grupo parisiense, e prestar contas dos trabalhos realizados desde a sua fundação. – Como dizia o Sr. Allan Kardec, falando da Liga do Ensino (*Revista Espírita* de março, abril e agosto de 1867) – nossas simpatias são conquistadas por todas as idéias progressivas, por todas as tentativas que têm por objeto elevar o nível intelectual. Estamos, pois, contentes por termos podido constatar os resultados práticos desta bela instituição, lamentando vivamente que a abundância de matérias nos obrigue a adiar para um próximo número a análise da constituição adotada na sessão a que tivemos a honra de assistir.

Dissertações Espíritas

A REGENERAÇÃO

(MARCHA DO PROGRESSO)

(Paris, 20 de junho de 1869)

Desde longos séculos as humanidades prosseguem uniformemente sua marcha ascendente através do tempo e do espaço. Cada uma delas percorre, etapa por etapa, a rota do progresso, e se diferem pelos meios infinitamente variados que a Providência dispôs em suas mãos, são chamadas a se fundirem todas, a se identificarem na perfeição, já que todas partem da ignorância e da inconsciência de si mesmas para se aproximarem indefinidamente do mesmo fim: Deus; para alcançarem a felicidade suprema pelo conhecimento e pelo amor.

Há universos e mundos, como povos e indivíduos. As transformações físicas da terra, que sustenta o corpo, podem

dividir-se em duas formas, assim como as transformações morais e intelectuais que alargam o espírito e o coração.

A terra se modifica pela cultura, pelo arroteamento e pelos esforços perseverantes dos seus possuidores e interessados; mas, a esse aperfeiçoamento incessante devemos juntar os grandes cataclismos periódicos, que são, para o regulador supremo, o que são a enxada e a charrua para o lavrador.

As humanidades se transformam e progredem pelo estudo perseverante e pela permuta de pensamentos. Instruindo-se e instruindo os outros, as inteligências se enriquecem, mas os cataclismos morais que regeneram o pensamento são necessários para determinar a aceitação de certas verdades.

Assimilam-se sem abalos e progressivamente as conseqüências de verdades aceitas. É preciso um concurso imenso de esforços perseverantes para que se aceitem novos princípios. Marcha-se lentamente e sem fadiga sobre um caminho plano, mas é necessário reunir todas as suas forças para transpor um atalho agreste e destruir os obstáculos que surgem. É então que, para avançar, deve o homem quebrar necessariamente a corrente que o liga ao pelourinho do passado, pelo hábito, pela rotina e pelo preconceito; a não ser assim, o obstáculo fica sempre de pé, e ele girará num círculo sem saída até que tenha compreendido que, para vencer a resistência que obstrui a rota do futuro, não basta quebrar armas envelhecidas e danificadas: é indispensável criar outras.

Destruir um navio que faz água por todos os lados, antes de empreender uma travessia marítima, é medida de prudência, mas será ainda necessário, para realizar a viagem, que se criem novos meios de transporte. Entretanto, eis onde se encontra atualmente certo número de homens de progresso, tanto no mundo moral e filosófico, quanto nos outros mundos do pensamento! Minaram tudo, tudo atacaram! As ruínas se espalham por toda parte, mas eles ainda não compreenderam que sobre tais

ruínas é preciso edificar algo de mais sério que um livre-pensamento e uma independência moral, independentes apenas da moral e da razão. O nada em que se apóiam não é uma palavra muito profunda somente por ser vazia. Assim como Deus já não cria os mundos do nada, o homem não pode criar novas crenças sem bases. Estas bases estão no estudo e na observação dos fatos.

A verdade eterna, como a lei que a consagra, não espera para existir a aceitação dos homens; ela é e governa o Universo, a despeito dos que fecham os olhos para não a ver. A eletricidade existia antes de Galvani e o vapor antes de Papin, como a nova crença e os princípios filosóficos do futuro existiam antes que os publicistas e os filósofos os tivessem consagrado.

Sede pioneiros perseverantes e infatigáveis!... Se vos chamarem de loucos como o fizeram a Salomão de Caus, se vos repelirem como Fulton, marchai sempre, porque o tempo, esse juiz supremo, saberá tirar das trevas os que alimentam o farol que deve, um dia, iluminar a Humanidade inteira.

Na Terra, o passado e o futuro são os dois braços de uma alavanca que tem no presente o seu ponto de apoio. Enquanto a rotina e os preconceitos tiverem curso, o passado estará no apogeu. Quando a luz se faz, a báscula balança, e o passado, que já escurecia, desaparece para dar lugar ao futuro que irradia.

Allan Kardec

A CIÊNCIA E A FILOSOFIA

(Sociedade de Paris, 23 de abril de 1869)

A Ciência é lenta em suas afirmações, mas é segura; por vezes repele a verdade, mas jamais partilha o erro absoluto. Procede com rigor matemático; não admite senão *o que é*, ao passo que a Filosofia admite *tudo o que pode ser*; daí a diferença que se nota entre o objetivo de uma e de outra. A Filosofia chega num primeiro

impulso; a Ciência transpõe penosa e vagarosamente a estrada árida do conhecimento positivo. Mas, Filosofia e Ciência são irmãs; partem da mesma origem para fazerem a mesma carreira e chegarem ao mesmo fim. Sozinha, a Filosofia pode cometer desvios que a razão e a experimentação científica devem reprimir; isolada, a Ciência pode conduzir ao aniquilamento dos sentimentos, caso não seja regenerada pela excelência dos sentimentos do coração e das aspirações aos progressos morais.

Nos períodos originais da elaboração dos mundos, o sofisma domina o homem juntamente com o erro científico. Em seguida os pensadores e os sábios, tomando caminhos diversos, se separam durante as fases consagradas à luta, para se reunirem mais tarde num triunfo comum.

Certamente ainda estais bem longe de ter dado a última palavra sobre todas as coisas; mas chegareis a passos largos a essa época em que a Humanidade avançará para o infinito numa rota única, larga, segura, tolerante e solidária. O homem não será mais uma unidade combatendo para a sua própria glória e procurando engrandecer-se sobre os cadáveres intelectuais de seus contemporâneos. Será um elemento da grande família, uma modalidade fazendo parte de um todo harmonioso, um instrumento racional num concerto sem defeito! Será a era da felicidade por excelência, a era bendita, a era da paz pela fraternidade e do progresso pela união dos esforços inteligentes.

Honra à Filosofia, que sabe aliar-se à Ciência para obter um tal resultado.

Honra aos homens da Ciência que ousam afirmar suas crenças filosóficas e tirar do seu envoltório, para desdobrar aos olhos atônitos do mundo do pensamento, a bandeira sobre a qual inscreveram estas três palavras: *Trabalho, experimentação, certeza.*

Privada da Ciência, a Filosofia se lança no infinito, mas, voando com uma asa só, tomba esgotada das alturas a que aspira. A Ciência sem a Filosofia é uma caolha que não vê bem senão de um lado; não percebe o abismo que se cava sob o seu olho ausente. A Ciência e a Filosofia, unidas num comum impulso para o desconhecido, representam a certeza, a verdade em direção a Deus.

Clélie Duplantier

Notas Bibliográficas²³

SIR HUMPHRY DAVY – OS ÚLTIMOS DIAS DE UM FILÓSOFO

ENTREVISTAS SOBRE AS CIÊNCIAS, A NATUREZA E A ALMA

Obra traduzida do inglês e comentada por Camille Flammarion²⁴

(Segundo artigo – Vide a *Revista* de junho de 1869)

Como era nosso desejo, podemos anunciar hoje o aparecimento desta tradução tão longamente elaborada. Já fizemos notar no último número da *Revista* que esta obra, escrita nos últimos anos de sua vida por um dos maiores químicos do mundo, expôs ao livre-exame dos pensadores de quarenta anos atrás – 1829 – as teorias sobre as quais hoje se apóia a Doutrina Espírita, isto é, a pluralidade dos mundos habitados, a pluralidade das existências da alma, a reencarnação (na Terra e em outros planetas), a comunicação com os Espíritos através dos sonhos e dos pressentimentos, e até a teoria do *perispírito*.

A tradução do Sr. Flammarion aparece hoje, ao mesmo tempo que a *Revista*. Logo esta obra estará nas mãos de todos os nossos leitores. Aliás, sua leitura será tanto mais instrutiva quanto o autor passa em revista os principais temas da ciência moderna e os

²³ **Nota da Editora:** Ver “Nota Explicativa”, p. 533.

²⁴ Um vol. in-12. Preço: 3 fr. 50. Paris, 1869, Didier, e na *Livraria Espírita*, 7, rue de Lille.

grandes feitos da história da Humanidade, e que o tradutor teve o cuidado de completar por meio de notas sobre os progressos posteriormente realizados pela Ciência. O livro se divide em seis diálogos, que têm por títulos: *a Visão*, – *a Religião*, – *o Desconhecido*, – *a Imortalidade*, – *a Filosofia da Química*, – e *o Tempo*. Anunciando esta excelente obra, julgamos por bem extrair algumas de suas passagens, que darão uma justa idéia das opiniões filosóficas do ilustre químico inglês.

O primeiro diálogo, *a Visão*, cuja cena se passa no Coliseu de Roma, tem por objeto uma viagem aos planetas, sob a condução de um *Espírito*, que *Sir Humphry Davy* escuta sem o ver. O *Espírito* faz aparecer o quadro das fases primitivas da Humanidade, e em seguida dirige a seguinte pergunta ao autor:

“Tu vais dizer-me: ‘O *Espírito* é gerado? A alma é criada com o corpo?’ Ou isto: ‘A faculdade mental é o resultado da matéria organizada e um novo aperfeiçoamento dado à máquina, que provoca o movimento e o pensamento?’

“Depois de ter posto esta pergunta em minha cabeça, como se eu mesmo tivesse tido a intenção de lha dirigir, diz *Davy*, meu *Gênio* desconhecido modificou a inflexão de sua voz que, em vez de sua melodiosa doçura, tomou um timbre sonoro e majestoso. Eu vos proclamo, disse-me ele, que nem uma nem outra dessas visões são verdadeiras. Minha intenção é vos revelar os mistérios das naturezas espirituais; mas é de temer que, *velado como sois pelos sentidos corporais*, esses mistérios não vos possam ser compreensíveis.

“As almas são eternas e indivisíveis, mas suas maneiras de ser são tão infinitamente variadas quanto as formas da matéria. Elas nada têm de comum com o espaço e, em suas transições, são independentes do tempo, de sorte que podem passar de uma parte a outra do Universo, por leis completamente estranhas ao

movimento. As almas são seres intelectuais de diversos graus, pertencendo de fato ao Espírito infinito. *Nos sistemas planetários* (de um dos quais depende o globo que habitas) elas se encontram transitoriamente *num estado de provação*, tendendo constantemente e, em geral, gravitando sem cessar *para um modo de existência mais elevado*.

“Se me fosse possível estender tua visão até os destinos das existências individuais, eu te poderia mostrar como *o mesmo Espírito*, que no corpo de Sócrates desenvolveu os fundamentos das virtudes morais e sociais, no corpo do czar Pedro foi dotado do poder supremo, gozando da incomparável felicidade de melhorar um povo grosseiro. Eu te poderia mostrar a mônada espiritual que, com os órgãos de Newton, deixou ver uma inteligência quase sobre-humana, situada *agora* num maior e mais elevado estado de existência planetária, haurindo a luz intelectual de uma fonte mais pura e se aproximando ainda mais do Espírito infinito e divino. Prepara, pois, o teu pensamento e pressentirás ao menos esse estado superior e esplêndido, no qual vivem desde sua morte os seres que já revelaram uma alta inteligência na Terra, e que se elevam em suas transições a naturezas novas e mais celestes.”

Aqui, *Sir Humphry*, transportado pelo Espírito através do nosso sistema planetário, faz uma descrição das mais interessantes do espetáculo que se descortina aos seus olhos e, em particular, o mundo de Saturno. – A falta de espaço nos obriga a passar em silêncio. – *Sir Humphry Davy* considerava com admiração o aspecto estranho dos seres que tinha sob os olhos, quando o Espírito replicou:

“Sei quais as reflexões que te agitam. A *analogia* te faz falta aqui e não dispões dos elementos do saber para compreenderes a cena que se desdobra à tua frente. No momento te encontras na condição de uma mosca, cujo olho múltiplo fosse subitamente metamorfoseado num olho semelhante ao do homem,

e és completamente incapaz de pôr o que vês em *relação* com os teus conhecimentos normais anteriores. Pois bem, esses seres que estão diante de ti são os habitantes de Saturno. Eles vivem na atmosfera. Seu grau de sensibilidade e de felicidade intelectual ultrapassa de muito o dos habitantes da Terra. São dotados de numerosos sentidos, de meios de percepção cuja ação és incapaz de apreender. Sua esfera de visão é muito mais extensa que a tua, e seus órgãos do tato são incomparavelmente mais delicados e mais finamente aperfeiçoados. É inútil que eu tente explicar-te a sua organização, pois evidentemente não a poderias conceber; quanto às suas ocupações intelectuais, tentarei dar-te alguma idéia.

“Eles subjugaram, modificaram e aplicaram as forças físicas da Natureza, de maneira análoga à que caracteriza a obra industrial do homem terrestre; mas, gozando de poderes superiores, conseguiram resultados igualmente superiores. Sendo a sua atmosfera muito mais densa que a vossa, e menor o peso específico de seu planeta, eles foram capazes de determinar as leis que pertencem ao sistema solar com muito mais precisão do que vos seria possível dar desse conhecimento; e o primeiro deles que chegasse poderia anunciar-te quais são, nesse mundo, a posição e o aspecto da vossa Lua, com tal precisão que te convencerias de que ele a vê, ao passo que o seu conhecimento não passa do resultado de um cálculo.

“Eles não têm guerras e só ambicionam a grandeza intelectual; não experimentam nenhuma de vossas paixões, senão um grande sentimento de emulação no amor da glória. Se eu pudesse mostrar-te as diversas partes da superfície deste planeta, apreciarias os resultados maravilhosos do poder de que são dotadas essas altas inteligências, e a maneira admirável pela qual puderam aplicar e modificar a matéria.

“Eu te poderia transportar agora para outros planetas e te mostrar seres particulares em cada um deles, oferecendo certas

analogias uns com os outros, mas diferindo essencialmente em suas faculdades características.

“Em Júpiter verias criaturas semelhantes às que acabas de observar em Saturno, mas munidas de meios de locomoção bem diversos. Nos mundos de Marte e de Vênus encontrarias raças cujas formas se aproximam mais das que existem na Terra; mas, em cada parte do sistema planetário, existe um caráter especial a todas as naturezas intelectuais: é o sentido da visão, a faculdade orgânica de receber as impressões da luz.

“Os mais perfeitos sistemas organizados, mesmo nas outras partes do Universo, possuem ainda esta fonte de sensibilidade e de prazer; mas os seus organismos, de uma sutileza inconcebível para vós, são formados de fluidos tão elevados, acima da idéia geral que fazeis da matéria, quanto os gases mais sutis, que teus estudos te mostraram, estão acima dos mais pesados sólidos terrestres.

“O grande Universo é ocupado em toda parte pela *vida*; mas o modo de manifestação dessa vida é infinitamente diversificado, e é preciso que as formas possíveis, em número infinito, sejam revestidas pelas naturezas espirituais antes da consumação de todas as coisas.

“O cometa, desaparecendo nos céus com o seu rastilho luminoso, já se mostrou ao teu olhar. Pois bem! esses mundos singulares são também a morada dos seres vivos, que haurem os elementos e as alegrias de sua existência na diversidade das circunstâncias a que são expostos; atravessam, por assim dizer, o espaço infinito; deleitam-se continuamente ante a visão de mundos e sistemas novos. Imagina, se puderes, a vastidão incomensurável de seus conhecimentos!

“Esses seres, de tal modo grandes e gloriosos, dotados de funções que te são incompreensíveis, outrora pertenceram à

Terra; suas naturezas espirituais, elevadas em diferentes graus da vida planetária, despojaram-se de sua poeira e não levaram consigo senão a pujança intelectual. Habitam atualmente esses astros gloriosos, que se põem em relação com as inúmeras regiões do grande Universo.

“Perguntas-me em espírito se eles têm algum conhecimento ou lembrança de suas transmigrações? Conta-me tuas próprias recordações no seio de tua mãe e te darei minha resposta...

“Aprende, pois, a lei da sabedoria suprema: Nenhum Espírito traz a outro estado de existência hábitos ou qualidades mentais diversas das que estão em relação com a sua nova situação. O saber relativo à Terra também não seria útil a esses seres glorificados, como não o seria a sua poeira terrestre organizada, a qual, em temperatura semelhante, seria reduzida ao seu último átomo. Mesmo na Terra, a borboleta esvoaçante não traz consigo os órgãos ou os apetites da lagarta rasteira da qual surgiu. Todavia, há um sentimento, uma paixão, que a mônada ou essência espiritual conserva sempre em todos os estágios de sua existência, e que nos seres felizes e elevados, aumenta perpetuamente: é o *amor do saber*, esta faculdade intelectual que, em seu último e mais perfeito desenvolvimento, se transforma no amor da sabedoria infinita e na união com Deus. Eis a grande condição do progresso da alma em suas transmigrações na vida eterna.

“Mesmo na vida imperfeita da Terra, esta paixão existe nalgum grau; aumenta com a idade, sobrevive ao aperfeiçoamento das faculdades corporais e, no momento da morte, se conserva no ser consciente. O destino futuro do ser depende da maneira pela qual essa paixão intelectual foi exercida e aumentada durante sua prova terrestre transitória. Se foi mal aplicada, o ser é degradado e continua a pertencer à Terra ou a qualquer sistema inferior, até que seus defeitos sejam corrigidos pelas provas penosas de existências

novas. (*Somos o que fazemos de nós mesmos*). Ao contrário, quando o amor da perfeição intelectual é exercido sobre objetivos nobres, na contemplação e na descoberta das propriedades das formas criadas, quando o Espírito se esforçou por aplicar a seus estudos um fim útil e benfazejo para a Humanidade, bem como ao conhecimento das leis ordenadas pela inteligência suprema, o destino do princípio pensante continua a efetuar-se na ordem ascendente e sobe a um mundo planetário superior.”

Eis algumas de suas elevadas concepções sobre a natureza da alma:

“Em última análise, para nós o mundo externo ou material não passa de um amontoado de sensações. Remontando às primeiras lembranças de nossa existência, encontramos um princípio constantemente presente, que se pode chamar *mônada*, ou *eu*, que se associa intimamente com as sensações particulares produzidas pelos nossos órgãos. Esses órgãos estão em relação com sensações de outro gênero e, a bem dizer, os acompanham através das metamorfoses corporais de nossa existência, deixando temporariamente uma linha de sensação que as une todas; mas a *mônada* jamais se ausenta, e não poderíamos assinalar nem começo, nem fim às suas operações. Durante o sono, por vezes se perde o começo e o fim de um sonho, mas nos lembramos do meio. Um sonho não tem a menor relação com outro e, contudo, temos consciência de uma variedade infinita de sonhos que se sucederam, embora na maior parte do tempo não encontremos o seu fio, já que há entre eles diversidades e lacunas aparentes.

“Temos as mesmas analogias para crermos numa infinidade de *existências anteriores*, que entre si devem ter tido misteriosas relações. A existência humana pode ser encarada como o tipo de uma vida infinita e imortal, e sua composição sucessiva de sonos e de sonhos poderia certamente nos oferecer uma imagem aproximada da sucessão de nascimentos e de mortes de que é

composta a vida eterna. Não se pode mais negar que as nossas idéias provêm das sensações devidas aos nossos órgãos, como não se nega a relação que existe entre as verdades matemáticas e as fórmulas que as demonstram. Todavia, por si mesmos esses sinais não são fatos, assim como os órgãos não são o pensamento.

“A história inteira da alma apresenta o quadro de um desenvolvimento efetuado segundo uma certa lei; conservamos apenas a lembrança das mudanças que nos foram úteis. A criança esqueceu o que fazia no seio da mãe; logo não mais se lembrará dos sofrimentos e dos folguedos que constituíram os seus dois primeiros anos. Entretanto, vemos que alguns hábitos desta idade subsistem em nós durante a vida inteira; é com o auxílio dos órgãos materiais que o princípio pensante compõe o tesouro de seus pensamentos e as sensações de modificação com a transformação dos órgãos. Na velhice, o espírito embotado cai numa espécie de sono, donde despertará para uma nova existência.”

Não podendo pôr sob os olhos dos nossos leitores senão alguns breves fragmentos desta interessante publicação, terminaremos por uma teoria do perispírito, que se diria extraída das obras espíritas modernas. Eis em que termos se exprime *Sir Humphry Davy*, no diálogo *Imortalidade*, pág. 275 e seguintes:

“Tentar explicar de que maneira o corpo está unido ao pensamento, seria pura perda de tempo. Evidentemente, os nervos e o cérebro aí estão em íntima ligação; mas, em que relação? Eis o que é impossível definir. A julgar pela rapidez e pela variedade infinita dos fenômenos da percepção, parece extremamente provável que há no cérebro e nos nervos uma substância infinitamente mais sutil do que permitiram descobrir a observação e a experiência. Assim, pode-se supor que a união imediata do corpo com a alma, da matéria com o espírito se dá por intermédio de um corpo fluídico invisível, de uma espécie de elemento etéreo inacessível para os nossos sentidos, e que talvez represente para o

calor, para a luz e para eletricidade o que estes representam para o gás. O movimento é produzido mais facilmente pela matéria rarefeita, e todos sabem que agentes imponderáveis, tais como a eletricidade, derrubam as mais fortes construções. Não me parece improvável que alguma coisa do mecanismo refinado e indestrutível da faculdade pensante, adira, mesmo após a morte, ao princípio sensitivo. Porque, malgrado à destruição pela morte dos órgãos materiais, como os nervos e o cérebro, sem dúvida a alma pode conservar, indestrutivelmente, algo dessa natureza mais etérea. Às vezes eu penso que as faculdades chamadas instintivas pertencem a esta natureza requintada. A consciência parece ter uma fonte inacessível e permanecer em relação oculta com uma existência anterior.”

Estas as passagens que quisemos assinalar aos nossos leitores. *Sir* Humphry Davy foi um dos grandes apóstolos do progresso. O Espiritismo não poderia ter melhores auxiliares do que no testemunho indireto desses sábios ilustres que, pelo estudo da Natureza, chegaram à descoberta de novas verdades. Tais obras devem fazer parte, mercidamente, da biblioteca do Espiritismo, e devemos ser gratos ao Sr. Camille Flammarion por se ter imposto a tarefa de traduzir e comentar a obra notável de *Sir* Humphry Davy.

INSTRUÇÃO PRÁTICA SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS GRUPOS ESPÍRITAS, ESPECIALMENTE NOS CAMPOS

(Pelo Sr. C...) ²⁵

É com prazer que saudamos o aparecimento deste livro, porque nos parece fadado a prestar grandes serviços e preencher uma lacuna importante. Como aplicação especial, é um resumo dos mais essenciais princípios que devem presidir à organização dos grupos, para assegurar a sua vitalidade e os habilitar a produzir resultados satisfatórios.

25 Livraria Espírita, 7, rue de Lille. Paris, 1 vol. in-12. Preço: 1 fr.

O Sr. Allan Kardec, a quem o autor, espírita fervoroso e dedicado, havia confiado o seu manuscrito, o tinha em grande conta e se propunha a publicá-lo, simultaneamente com outros trabalhos da mesma natureza, infelizmente interrompidos com a sua morte, mas que, a despeito do atraso, não estão perdidos, esperamos, para os que souberam apreciar a eminente lógica, a clareza e a concisão do autor de *O Livro dos Espíritos*.

O autor consagrou-se particularmente a esclarecer e a tornar útil a propagação do Espiritismo nos campos. A modéstia de suas opiniões não impede que esta obra possa ser de incontestável utilidade, mesmo nas grandes cidades e nos grupos já organizados.

Com efeito, o que falta muitas vezes, não só nos campos, mas, também, a um certo número dos nossos irmãos em crença que habitam as cidades – não devemos temer dizê-lo – é o espírito de organização e de método, sem o qual as melhores intenções se tornam improdutivas. Imagina-se geralmente que, para instruir a si mesmo e fazer prosélitos, é absolutamente necessário que haja médiuns e se obtenham manifestações. É um erro. Podemos mesmo dizer, e isto é resultado da experiência, que, para a maior parte dos que não se prepararam pelo estudo das obras e pelo raciocínio, as manifestações geralmente têm pouco peso; quanto mais extraordinárias, mais encontram oposição, porque se é levado naturalmente a duvidar de algo que não tem uma sanção racional. Cada um o encara do seu ponto de vista, e o cepticismo, de um lado, a ignorância e a superstição de outro, fazem ver as causas sob uma falsa luz, ao passo que uma explicação prévia tem por efeito combater as idéias preconcebidas e demonstrar, se não a realidade, pelo menos a possibilidade dos fenômenos. Compreende-se antes de ter visto e, desde então, a convicção está assegurada em três quartos dos casos. Nem sempre é útil forçar as convicções. Muitas vezes é preferível agir com discrição e deixar à Providência o cuidado de preparar as circunstâncias favoráveis. O número de homens de boa vontade é maior do que se pensa e seu

exemplo, multiplicando-se, produzirá mais efeito do que as palavras.

O Sr. C... examina essas questões com tanta lógica quanto clareza, bem como os meios que devem ser empregados para combater as causas de divisões que podem surgir entre os membros de um mesmo grupo. Por isso, estamos persuadidos de que essas instruções serão fecundas em resultados satisfatórios, se cada um se fixar em lhe assimilar o espírito e a pôr em prática os seus preceitos. Devemos ao autor agradecimentos e felicitações por esta publicação que, certamente, encontrará seu lugar na biblioteca de todos os que desejarem cooperar ativamente para o desenvolvimento da filosofia espírita.

À Venda em 1^o de junho de 1869

(Livraria Espírita, 7, rue de Lille)

Révélation – Nova edição da brochura *Révélation*, da qual já se venderam mais de dez mil exemplares. – Brochura in-18, 15 c.; vinte exemplares, 2 fr.; pelo correio, 2 fr. 60 c.

O Livro dos Médiuns – Décima primeira edição de *O Livro dos Médiuns* (parte experimental), guia dos médiuns e dos evocadores, contendo a teoria de todos os gêneros de manifestações; 1 vol. in-12, preço: 3 fr. 50.

O Céu e o Inferno – Quarta edição de *O Céu e o Inferno*, ou a justiça divina segundo o Espiritismo, contendo numerosos exemplos sobre a situação dos Espíritos no mundo espiritual e na Terra; 1 vol. in-12, preço: 3 fr. 50.

Observação – A parte doutrinária desta nova edição, inteiramente revista e corrigida por Allan Kardec, sofreu

importantes modificações. Alguns capítulos foram inteiramente refundidos e consideravelmente aumentados.

Lúmen – (No prelo), por C. Flammarion. Este interessante trabalho, cuja primeira parte foi inserida na *Revue du XIX^e siècle*, hoje completada por importantes adições, será publicada brevemente em um volume. (*Revista Espírita* de março e maio de 1867.)

Aviso Importante

História de Joana d'Arc, ditada por ela mesma à Srta. Ermance Dufaux. Um vol. in-12. Preço: 3 fr.; *franco*, 3 fr. 30 c.

Temos o prazer de anunciar aos nossos leitores que acabamos de descobrir uma centena de volumes desta interessante obra, há muito considerada como inteiramente esgotada. Aqueles assinantes nossos, que em vão procuraram adquiri-la, já poderão obtê-la, dirigindo-se, para tanto, ao Sr. Bittard, gerente da *Livraria Espírita*, 7, rue de Lille.

Pelo Comitê de Redação
A. Desliens – *Secretário-gerente*